

MARCAS DE AUTORIA EM TURMA DE ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA

Carolina Fernandes ¹

Susane Andrade Rodrigues ²

Resumo:

É comum que a classe dominante pense a língua a ser ensinada na escola enquanto exata, preferindo referir-se pedagogicamente a ela em uma circunstância de metalinguagem, reprodução, com o estudo sobre a língua escrita e não em práticas que privilegiam a ação sobre a linguagem. As ações pedagógicas em sala de aula precisam estar envoltas nas práticas sociais de forma que as condições de produção promovam gestos autênticos de leituras e interpretação dos estudantes. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa em andamento sobre gestos de interpretação e autoria em alunos da alfabetização - ensino fundamental. A proposição é sobre textos de diversos suportes - escritos, imagéticos e audiovisuais, que apresentem super-heróis e a reflexão sobre estes personagens: do que os faz ser assim, refletindo coletivamente sobre os aspectos psicológicos e físicos apresentados. A turma de aplicação é um 1º ano do Ensino Fundamental - Alfabetização, em que os educandos precisarão relacionar os textos à constituição de si enquanto sujeito social. Sob o viés materialista da Análise do Discurso, a reflexão fomentará produções que buscarão fazer o discente despir a venda que cerca seus olhos e aderir a gestos de interpretação que circundam suas memórias constitutivas e produzir autoria sob esta, propiciando a identificação. Os autores principais que nortearão este trabalho são Fernandes, Foucault e Orlandi.

Palavras-chave: Análise do Discurso de Linha Francesa; Alfabetização; Gestos de Interpretação

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

MARCAS DE AUTORIA EM TURMA DE ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA

¹ Docente. carolinafernandes@unipampa.edu.br. Orientador

² Aluno de graduação. susaneandrade2992@gmail.com. Apresentador

MARCAS DE AUTORIA EM TURMA DE ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA

1 INTRODUÇÃO

É parte do interdiscurso instituído pela classe dominante pensar que a língua a ser ensinada na escola precisa ser exata e transparente, preferindo referir-se pedagogicamente a ela em uma circunstância de metalinguagem, reprodução, com o estudo sobre a língua escrita e não em práticas que privilegiam a ação sobre a linguagem - envolta nas práticas sociais e de forma que as condições de produção promovam gestos de interpretação nos estudantes.

Os professores percebem o fracasso e, em seus discursos, é exposto que as ações em aula não têm trazido avanço nas habilidades de linguagem dos discentes, mas o ensino com moldes de paráfrase ainda têm sido a base, e a homogeneidade mostra-se como o padrão que tenta homogeneizar o que naturalmente é diverso – a linguagem.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa em andamento sobre gestos de interpretação e autoria em alunos da alfabetização – ensino fundamental. A proposição é sobre textos de diversos suportes – escritos, imagéticos e audiovisuais, que apresentem super-heróis e a reflexão sobre estes personagens: do que os faz ser assim, refletindo coletivamente sobre os aspectos psicológicos e físicos apresentados. A turma de aplicação é um 1º ano do Ensino Fundamental – Alfabetização, em que os educandos precisarão relacionar os textos à constituição de si enquanto sujeito social (e a de seus familiares) sob os pressupostos de Foucault (1988): “Quem sou eu? ”, “Quem sou eu hoje? ”, “Quem podemos ser? ” “Como podemos transformar a nossa visão de nós mesmos? ”.

Sob o viés materialista da Análise do Discurso, a reflexão fomentará produções que buscarão fazer o discente despir a venda que cerca seus olhos e aderir a gestos de interpretação que circundam suas memórias constitutivas e produzir autoria sob esta, propiciando a identificação, já que para Orlandi (2008, p. 207) “o sujeito, na escola, precisa ter um trabalho de identificação na relação com o conhecimento, seja do mundo, seja da realidade natural ou da realidade social, onde ele mesmo se inclui”. Em outras palavras, há necessidade da reflexão sobre a identidade discente, nas relações e significações que ele produz, para que haja a filiação em diferentes redes de sentidos, em processos de subjetivação, precisando desestabilizar e deslocar sentidos.

O objetivo principal a ser alcançado é que, através de produção escrita e gráfica dos discentes, ocorra a produção de suas próprias formulações de sentidos para atribuir e derivar novas interpretações e, por conseguinte, o estímulo à produção da autoria.

2 METODOLOGIA

As atividades serão realizadas em uma escola estadual de ensino fundamental do município de Santana do Livramento, no segundo semestre de 2018. A turma de aplicação é composta por vinte alunos com a idade de seis anos, compondo-se por onze educandas e nove educandos, provenientes, em sua grande maioria, da periferia do município de Sant’Ana do Livramento, sendo sua classe econômica considerada baixa. Entre os discentes não há, aparentemente grandes déficits e dificuldades cognitivas, porém é notável não possuírem grande intensidade de estímulo durante a primeira infância.

O presente trabalho visa apresentar dados coletados em uma pesquisa em andamento sobre Gestos de Interpretação e Autoria, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa,

na turma já citada. Nas materialidades gráficas produzidas pelos discentes, a identificação da grande maioria ainda não condiz com sua real representação. Ora os discentes colocam-se como louros, morenos claros ou até mesmos totalmente brancos (desenhos de autoria).



Foto 01 - Representação de um aluno negro sobre sua família.
Fonte - a autora.

Isso demonstra a memória discursiva alicerçada nas experiências dos discentes que provavelmente tenham muito contato com desenhos animados e nestes são poucos os heróis ou protagonistas que se veem belos enquanto negros ou mulatos. Esse aspecto que salienta a ênfase na estética branca em detrimento da negra decorre de um discurso racista que padroniza os sujeitos. Esse discurso acaba sendo materializado em desenhos, como o de um aluno de seis anos, que, provavelmente tenha como referência de identificação e representação que não é a da própria etnia, mas aquela segundo um imaginário dominante de padronização de sujeito. De tal forma é visível as falhas na constituição e valorização identitária, cerceados por gestos de interpretação que geram tais efeitos.

A pesquisa prosseguirá na turma já citada e os dados para análise sob a ótica da AD serão coletados por meio de materialidades gráficas produzidas pelos alunos - desenhos, textos e fala, registrada por meio de gravação em áudio. A pesquisa será desenvolvida ao longo do ano de 2018, com o prosseguimento através de textos diversificados com diferentes tipos de heróis, característicos do imaginário infantil. A proposição é que atrelando o discurso lúdico e polissêmico, seja possível que o aluno adentre em diferentes formações discursivas que contribuam para a formação da identidade - sujeito-aluno.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Em uma turma de alfabetização de escola pública do município de Sant'Ana do Livramento, com 20 alunos em uma faixa etária aproximada de seis anos, onde a presente autora desta pesquisa já efetuou um projeto de intervenção pedagógica, foi possível ver que em suas produções gráficas autorais, ao ser solicitado que desenhasse ou representasse a si mesmos ou membros da família, as formações ideológicas dos discentes estavam afetadas por um imaginário de uma mulher enquanto dona de casa, que executa trabalhos domésticos, e homens

caracterizados em situação de conforto (sentados no sofá, vendo televisão...), e estes fatos ainda são comuns em suas produções.

Também é perceptível que a constituição física (autorretrato) ainda não é concomitante com a real, já que crianças negras se representam como brancas (ou morenas claras), não valorizando ou mesmo sendo afetadas pelo apagamento de vozes que determinam o que é esteticamente aceito e prestigiado.

A linguagem e a ideologia, desde a infância, afetam a interpretação e a compreensão sobre si mesmos, trazendo, muitas vezes, uma imagem distorcida, irreal, originando o engano da ilusão da evidência, de como se aquela fosse a autêntica e verdadeira imagem e constituição. Logo, há necessidade de reverter tal evidência e externar sobre a opacidade da língua, do funcionamento discursivo e da multiplicidade de imaginários que esta pode produzir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo as crianças pequenas (em torno de seis anos), mostram já ter memória discursiva impregnada por interdiscursos advindos do contexto atual, sendo suas montagens discursivas, permeadas de autoria e uma visão opaca de suas identidades. Logo, as situações em que propomos discussão em cima de textos com caráter polissêmico proporcionam a simultaneidade de movimentos de sentido, fazendo figurar novos gestos de significação, por conseguinte, primando por uma nova formação discursiva identitária. (ORLANDI, 2010, p. 38).

É compreendido que as apreensões feitas aqui não se esgotam, a todo momento podendo se reconstituir, sendo “reinterpretada”, “ressignificadas”. Também o que está sendo desenvolvido em sala de aula não foi algo comum em uma turma de alfabetização, onde a todo o momento as atividades estão voltadas para o SEA (Sistema de Escrita Alfabética). Portanto, o que está sendo realizado é configurado enquanto uma prática de transgressão, já que ler e escrever são ferramentas poderosas do Estado que tem como pressuposto a normalização e a disciplina de uma subjetividade (FERNANDES, 2017, p. 93). Ora, é notório que nas práticas escolares, em demasiadas vezes, há formas de direcionamento de sentidos, visando a reprodução da interpretação do (a) professor (a).

Por isso da importância de promover práticas escolares onde se privilegiem a Autoria e Leitura Polissêmica e Parafrástica em contextos de Alfabetização nos Anos Iniciais. Assim, nossa proposta foi trabalhar a leitura polissêmica em sala de aula de modo que o parafrástico tenha oportunidade de figurar com o que é polissêmico, em uma autêntica prática de autoria, onde o sujeito-autor possa refletir sobre a materialidade de seus discursos, determinado por processos sócio históricos, que legitimam suas palavras, fazendo prevalecer umas e não outras, confirmando o que cita Orlandi a “linguagem não é evidência, mas sim descoberta”. (2010, p. 96). Logo, a necessidade de continuação deste trabalho, para que os alunos tenham acesso a novas formações ideológicas, por meio da circulação de novos sentidos.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Carolina. **O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens**. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
_. A ordem do discurso, v. 15, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli, **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 9ª ed., Campinas, SP, Pontes Editores, 2010.

_____, **Discurso e Texto : Formulação e circulação dos sentidos.**
Análise de discurso : princípios e procedimentos. 9ª ed., Campinas, SP, Pontes Editores, 2008.